

Performando a cidadania: artistas vão às ruas

Diana Taylor

Universidade de Nova Iorque

RESUMO: Três enunciados, exibições e atos cerimoniais concorrentes na turbulenta eleição mexicana de 2006 ilustram o grau em que tanto a performance e a política quanto a performance como política abarcam repertórios culturais e práticas de legitimação múltiplos, sobrepostos, e frequentemente contestados. Neste ensaio, alguns elementos de performance desses eventos serão observados – a encenação, o poder de performativos e o que a autora chama de animativos políticos, assim como o papel do público espectador – que caracterizaram o cenário de participação democrática em seu devir. Uma questão se apresenta: como o *faz de conta* (*make believe*) realmente *produz crença* (*make belief*) e molda realidades políticas?

PALAVRAS-CHAVE: Performativos, animativos, faz de conta (*make believe*), produzir crença (*make belief*).

Quais opções de justiça política e economia as pessoas têm quando o processo eleitoral foi violado ou corrompido; quando os meios de comunicação foram sequestrados por intermediários políticos; e quando as instituições oficiais não conseguem mais adjudicar de uma forma vista e recebida como transparente e legítima? Não me refiro às eleições de 2000 nos Estados Unidos e sequer ao atual movimento *Occupy Wall Street* (OWS)¹. Estou me referindo, antes, à contestada eleição do México de 2006, na qual dois milhões de manifestantes se reuniram em Zócalo (principal praça da Cidade do México) para questionar os resultados eleitorais através de atos de desobediência civil. Com este

exemplo, espero lançar luz sobre a importância dos corpos na política, algo que pode se estender ao atual *Occupy* e a outros protestos orientados por e para jovens.

Não vou tratar dos prós e contras da eleição, da política mexicana enquanto tal, ou das próximas eleições de julho de 2012². Em vez disso, concentro-me na eficácia e nos limites da performance como política, usando a eleição de 2006 como estudo de caso expressivo de várias performances que ocorrem simultaneamente na esfera pública; são elas:

1. Andrés Manuel López Obrador – conhecido como AMLO³ –, prefeito da Cidade do México e candidato presidencial pelo Partido da Revolução Democrática, ou PRD (partido ligeiramente à esquerda do centro do espectro político-ideológico mexicano)⁴, reuniu milhões de pessoas em Zócalo, ao saber que as eleições tinham sido vencidas por seu concorrente, Felipe Calderón, atual⁵ presidente do país e candidato da legenda de direita, do Partido da Ação Nacional (PAN). Preocupados com a possibilidade de que o PAN pode ter fraudado as eleições, depois de sete décadas de democracia de faz de conta, milhões de mexicanos exigiram uma recontagem dos votos; 2. Organizados pela artista de performance e de cabaré Jesusa Rodriguez, manifestantes foram às ruas e organizaram uma enorme manifestação pacífica (*sit-in*) e uma “cidade-a-campamento” (ou *plantón*), que durou cinquenta dias e lotou Zócalo, a praça central da Cidade do México, e o seu principal bulevar, Reforma. Os manifestantes realizaram uma resistência não violenta durante a qual ocorreram cerca de três mil e quatrocentos performances; e 3. AMLO tomou posse como o “Presidente Legítimo” em uma inauguração “de mentira”, isto é, “de mentira” em relação à “real” que, ao ser superada em performance (*outperformed*), tornou-se ilegítima. Já a tomada de posse oficial não pode ser celebrada em um lugar público por medo de indignação popular, tendo ocorrido à meia-noite, com uma cerimônia de três minutos e no meio de uma briga turbulenta no Congresso.

Esses enunciados, essas exibições e esses atos cerimoniais concorrentes ilustram o grau em que tanto a performance e a política quanto a performance como política abarcam repertórios culturais e práticas de legitimação múltiplos, sobrepostos e frequentemente contestados. Neste ensaio, alguns elementos de performance desses eventos serão observados – a enenação, o poder de performativos e o que chamo de animativos políticos, e o papel do público espectador – que caracterizaram o cenário de participação democrática que ainda não veio a ser. Como o *faz de conta* (*make believe*) realmente *produz crença* (*make belief*) e molda realidades políticas?

Performativos, segundo J. L. Austin (1975), referem-se à linguagem que age, que produz a própria realidade por ela anunciada – por exemplo, a declaração do pregador “Eu vos declaro marido e mulher” tem força de lei (Austin, 1975). Essas enunciações são performances verbais que ocorrem dentro de convenções altamente codificadas; seu poder decorre da legitimidade investida, não em indivíduos, mas em atores sociais autorizados – o padre, o juiz, a Comissão Eleitoral. Animativos, como eu os defino, estão fundamentados mais em corpos do que na linguagem. Em parte, eles são movimento, no sentido de animação; são parte identidade, ser (*being*) ou alma, no sentido de *anima* ou vida. O termo “animativo” capta o movimento fundamental que é a vida (dar vida) ou que *anima* a prática encorporada⁶. Animativos referem-se a ações que ocorrem “no chão”, por assim dizer, nas confusas e não tão estruturadas interações entre indivíduos.

No exemplo em questão, *performativo* sinaliza a declaração da Comissão Eleitoral sobre o vencedor nas eleições de 2006 com a sua força legal vinculante, enquanto o *animativo* aponta para o tumulto que estourou no Zócalo e no país. Certamente, este aparente binarismo é muito mais complicado do que sugerem minhas distinções. Performativos e animativos trabalham sempre e somente juntos; nada que se pronuncia significa muito sem o consenso dos que são abordados ou invocados.

A eficácia dos performativos depende do reconhecimento/acordo dos presentes. E os destinatários “no chão”, por assim dizer, também sempre assumem uma posição que pode ser de concordância ou consenso, de des-identificação ou rejeição radical. As duas milhões de pessoas no Zócalo denunciaram abertamente os resultados anunciados desde cima. Eles apoiaram o seu próprio candidato como “Presidente Legítimo”, independentemente do ato ter ou não produzido um “real” amplamente reconhecido. Uso estes termos não para ilustrar distinções claras entre compreensões baixa/alta, elitista/populista, “real”/ “de mentira” da política, mas sim para ilustrar o grau em que estruturas e hierarquias políticas tradicionais foram abaladas pela política participativa contemporânea.

As múltiplas “performances” políticas mexicanas (como qualquer performance) precisam ser entendidas *in situ*, no contexto dos atos políticos que lhes deram origem – neste caso: décadas de fraude eleitoral e corrupção; a pobreza endêmica (metade de todos os mexicanos vivem em pobreza e vinte por cento, em extrema pobreza); a batalha brutal de imagens travadas através dos meios de comunicação especificamente durante essa eleição; os pobres tradicionalmente marginalizados irrompendo no processo eleitoral; a demonstração de força dos militares mexicanos após a eleição; bem como a crescente onda de violência pelo país e os abusos aos direitos humanos que, desde 2006, deixaram cerca de cinquenta mil mortos

No domingo após o anúncio dos resultados das eleições, um milhão de pessoas convergiu na praça Zócalo para mostrar seu repúdio à política suja e seu apoio a AMLO. A partir desse momento, os vários atos de protesto inovaram, os atores sociais improvisando ao longo da sua atuação. A disputa de poder era clara: de um lado, o PAN, partido de governo controlando os recursos, as forças armadas e instituições legitimadoras. O PAN fez alianças com o PRI (partido que governou o México por mais de setenta anos), com conglomerados de mídia, empresários ricos

do norte do México e com a direita dos EUA. Do outro lado, eram milhões: progressistas, intelectuais, jovens e um número enorme de grupos ameríndios e *mestizos*⁷ que finalmente tinham encontrado um papel em um partido político. Comprometidos com a resistência não violenta, eles se apoiaram em corpos e performances, tais como marchas, eventos culturais, comícios, atos disruptivos e de diversão, *networking* e outras práticas incorporadas para manter o ânimo e levar sua causa adiante. Quem ganharia? E o que “vencer” significaria? Se AMLO não tinha mais acesso à televisão, como prefeito da Cidade do México, ele teve um grande poder de mobilização de seus seguidores. O México se tornou um campo maciço de treinamento para encenar cenários da democracia por meio da desobediência civil.

AMLO começou a marcha no Auditório Nacional, descendo a Avenida da Reforma rumo à praça Zócalo – sede do poder executivo durante os últimos setecentos anos, quando os astecas construíram seu principal templo (chamado de *cue*) no mesmo terreno. Lá AMLO encontrou seus seguidores, que vieram de todo o país para se juntar a ele. Sua proposta era que cada voto fosse recontado – “*voto por voto, casilla por casilla*”.

Do ponto de vista conceitual, essa performance teve força política e simbólica. Mas a encenação colocou um problema real. Jesusa Rodríguez (ativista e performer de cabaré mais famosa do México) foi para Zócalo naquele domingo só para encontrar uma estrutura de plataforma enorme – um palco vazio. Durante as três horas que AMLO levou para ir a pé do Auditorio até Zócalo, o público que lá estava o esperando, totalizando um milhão de pessoas, não tinha nada para fazer. Quando ele finalmente chegou, todos os seus conselheiros políticos e seguidores se juntaram ao seu redor. Ninguém podia vê-lo. Jesusa se lembra de haver pensado: “Um palco é um palco. Ele tem suas regras e normas. Alguém tem que organizar isso, as pessoas devem poder ver e ouvir as coisas”⁸. Tal como ela destacou, muitos políticos não entendem teatro político “ao vivo”.

No segundo grande comício em Zócalo, Jesusa orquestrou o evento. A plataforma agora tinha rampas de acesso para que AMLO pudesse se posicionar no centro do palco com membros do partido detrás dele. Enquanto AMLO andou da Reforma ao Zócalo, atores e escritores renomados recitavam, cantavam e entretinham o público. Enormes monitores de televisão foram instalados por todo o caminho ao longo do percurso, de modo que aqueles que andavam podiam ver o que estava acontecendo em Zócalo, e aqueles que esperavam na praça podiam ver seu líder se aproximando. A caminhada assumiu a qualidade de um crescendo dramático, simbolicamente forjando e ampliando o efeito da chegada de AMLO para ocupar o centro do poder. Ao chegar, ele foi recebido de braços abertos pela *PÁTRIA* admiradora. A atriz Regina Orozco fez o papel de uma acolhedora Terra Mãe (*Motherland*).

De modo mais importante, os participantes puderam ver-se a si mesmos de forma ampliada através de uma tela enorme. Agora, eles eram visivelmente parte de um movimento histórico que podiam visualizar e com o qual era possível se identificar. A encenação não mudou o que de fato aconteceu. Sua eficácia, ao contrário, provinha do modo como ela alterou o sentido de participação de todos no evento. A performance – a “mídia de pessoa pobre” (*poor person’s media*), nesse caso – tornou possível que as pessoas se representassem a si mesmas (no sentido democrático, em vez de mimético da palavra, como na *representação* política); permitiu também que elas se vissem *na* força política e *como tal*. Ao alimentar uma identificação apaixonada, a força performativa do evento criou o próprio “corpo” que ela dizia apenas “representar”. Ao invés de uma linguagem que age, aqui são os corpos que atuam, corpos que se sentem roubados de sua linguagem, na forma de seu voto. A crítica cultural mexicana Rossana Reguillo observou recentemente uma transição para a política despolutizante através da política da paixão que ocorre às margens das instituições políticas. Como os partidos tradicionais, os

políticos e as políticas públicas parecem mais distantes da cidadania e menos responsivos perante seus cidadãos, a participação política começa a tomar outras formas. Isso é evidente nos Estados Unidos hoje, com o *Tea Party* à direita e com *Occupy Wall Street* à esquerda⁹.

O *plantón*, a referida “cidade-acampamento”, era um tipo diferente de performance – o animativo cumpre a reivindicação que desafia o performativo oficial. Isso era tanto uma reivindicação encorporada por inclusão quanto uma performance de pertencimento, de criação de uma “cidade” diferente, a ser ocupada e controlada por mais de cinquenta dias pelas pessoas. A “cidade-acampamento” encenava e realizava (*enacted*)¹⁰ uma visão alternativa do que a vida comunitária pode ser. O animativo disruptivo buscou realizar a visão encenada (*enacted*): uma sociedade equitativa e mais aberta. Representantes de todo o país viveram nas tendas improvisadas instaladas ao longo de vários quilômetros da rota de protesto. Ocorreram mudanças em papéis de gênero: homens cozinhavam e faziam a limpeza, e novas formas de colaboração surgiam. O *plantón* inverteu a relação público/privado tal como a entendemos – o uso do espaço “público” como se fosse privado. Conversas ao celular e fones de ouvido criaram uma nova etiqueta, pois levamos nosso mundo particular conosco onde quer que estejamos. Estes atos diários reafirmam os *públicos privados* do capitalismo com a sua privatização do espaço público. Aqui, no entanto, o privado tornou-se público de modo que as pessoas coexistiam pacificamente em uma das maiores cidades do mundo. A noção diferente de política não foi só concebida, mas realizada na ação (*enacted*). “O caráter radical utópico” do *plantón*, para retomar as palavras de Marcuse sobre os levantes de 1968, eram “expressões de prática política concreta” (Marcuse, 1969, p. IX).

Viver “como se” (*as if*) culminou na mais estranha das performances: o juramento de AMLO como “Presidente Legítimo”, chefe de um governo paralelo que ostenta possuir cerca de um milhão de eleitores. A

declaração performativa falhou em um nível básico – AMLO não possuía a autoridade reconhecida que permitisse a transformação do dito no feito – mas funcionou em outro nível: sua performance acentuou, contra a democracia simulada de direita, a teatralidade e a qualidade do faz de conta do “real”. O cenário ofereceu outro enquadramento para vislumbrar um caminho a seguir, chamando a atenção para a farsa e imaginando futuros alternativos e plausíveis. Os “como se” (*as ifs*) e “e se” (*what ifs*), como observou Aristóteles, são “negócio sério... [e] o trabalho do poeta não é relatar o que aconteceu, mas o que é provável que aconteça, isto é, o que é capaz de acontecer de acordo com a regra de probabilidade ou necessidade” (Aristotle, 1973). Os “como se” (*as ifs*) políticos criam um desejo e anseio por mudança; eles deixam um rastro que reanima cenários futuros.

A partir de sua experiência como artista de cabaré, perguntei a Jesusa o que a tinha preparado para esta tarefa de coreografar todo um movimento político. A julgar pela sua resposta, o cabaré pode, de fato, proporcionar a formação essencial para a política. Ao mesmo tempo em que tinha que manter a estrutura geral do cenário em mente – o lado “criativo” da luta não violenta contra a fraude e opressão – ela teve que agir sem um roteiro. Seu corpo tornou-se fundamental para a performance. O caráter de improvisação de seu trabalho no cabaré, onde ela constantemente junta figuras e questões da atualidade em uma obra de arte pouco estruturada, havia a treinado para manter-se com os pés no chão e responder de forma criativa ao que acontecia ao seu redor. A improvisação, enquanto uma metodologia, baseia-se na prática – “você só pode aprender a improvisar improvisando”, ela disse. Jesusa também destacou a qualidade da presença corporal – o desenvolvimento de um foco e de uma conexão profunda com as pessoas e lugares ao seu redor, permitindo a ela se tornar um corpo de transmissão para a energia que nela e por meio dela circula para a multidão. Presença de espírito é igual-

mente importante, pois ela tinha que avaliar várias opções. Boa imaginação e senso de humor são fundamentais, não só para a performance e o cabaré, mas também para antever um mundo melhor. Além disso, dirigindo *El Habito* (um espaço de performance alternativa) por quinze anos com sua esposa Liliana Felipe, Jesusa tinha aprendido a planejar, programar atividades e olhar seis meses adiante. Embora a performance se dê sempre no agora, ela também tem um olho para o futuro.

A política da paixão e os cenários de uma sociedade mais equitativa que, às vezes, ela produz podem se revelar politicamente eficazes. Desde 2000, as marchas populares de cidadãos comuns derrubaram pacificamente cinco governos não democráticos na América Latina – Equador, Bolívia, Venezuela, Argentina e Peru. Mas há perigos e riscos nessa forte dependência na performance como política, alguns deles relacionados com a natureza altamente instável da própria performance. Alguns meses depois das eleições contestadas, muitos daqueles que votaram em AMLO disseram que, se as eleições fossem realizadas novamente, não votariam nele. Não gostaram de suas encenações¹¹. Eles foram dissuadidos por toda esta atuação pública. Ainda assim, AMLO continuou a manter uma presença pública nos últimos seis anos e ele e seu partido (PRD) têm chances de ganhar as eleições em 2012. No entanto, é provável que o infame PRI retorne ao poder¹². “Fora com os idiotas, prendam-se os ladrões”, diz um slogan. Uma vantagem real de AMLO, porém, é que o candidato do PRI, Peña Nieto, é considerado um idiota e um ladrão.

Assim, a rejeição de AMLO pós-eleição de 2006 parecia ser uma rejeição da performance de uma sociedade mais equitativa. O *plantón* foi visto como um desastre estratégico – alienando apoiadores e dando a espectadores e críticos elementos para que pudessem retratar AMLO como um radical. É cômodo para a classe média e até mesmo para progressistas apoiarem a “igualdade” em nível abstrato. Eles, no entanto, ficam amedrontados quando veem o poder de uma classe trabalhadora

dinâmica e motivada. Animativos aterrorizam governos cujo principal objetivo consiste no controle dos corpos através do uso de editos, decretos e enunciados oficiais performativos com força de lei. Eles também desafiam os espectadores. Como já observado, performativos e animativos estão profundamente interligados. Só funcionam se conseguem produzir acordo, consenso, identificação ou paixão em todos os presentes.

O espectador político é, então, uma força ou mesmo *a* força com a qual se contar. Os espectadores não são a massa estupefata e malfalada por Brecht, nem o ator emancipado imaginado por Ranciere. Revoluções e transformações são bem-sucedidas quando espectadores se juntam a elas. As pessoas nos acampamentos, muitas delas de origem ameríndia e *mestiza*, despertaram um racismo e um medo profundos. Para alguns participantes, a “cidade-acampamento” ofereceu uma possibilidade utópica de confiança mútua e colaboração; para muitos espectadores, contudo, os acampamentos, especialmente como eles foram hostilmente retratados pelos meios de comunicação, prediziam um anunciado “colapso” da classe média. A direita avisava: AMLO (outro Castro ou Chavez) tomará todos os seus bens e pertences. E lá estavam eles, seus seguidores dormindo nas ruas! Um performativo terrível. Para outros, que ainda apoiavam o movimento, a rotina diária de navegação em uma cidade complexa ainda mais complicada pelo *plantón* foi demais; eles não perdoariam AMLO por algo que veio a se parecer, quase literalmente, com uma “política de obstrução”. Performance, uma forma altamente potente porém instável, é sempre uma faca de dois gumes: pode derrubar autoridades, mas é difícil saber quando a resistência, desobediência civil e protesto podem desencadear uma reação violenta.

A política da paixão, eu acredito, explica o ressurgimento e mesmo centralidade do corpo na política. Como os partidos políticos não representam seus eleitores, as pessoas estão reaprendendo a representar a si mesmas. A Primavera Árabe, o verão europeu, o inverno chile-

no, o outono americano... Curiosamente, o movimento *Occupy Wall Street* marca a força do animativo sobre a enunciação ou o performativo linguístico. Críticos exigem que os manifestantes deem nome às suas exigências! Slavoj Žižek, que era contra os protestos até mudar de opinião, acusou os manifestantes no Reino Unido de serem “bandidos” cujo “grau zero de protesto” foi “uma ação violenta exigindo nada” (Žižek, 2011). Como escreveu Benjamin Arditi, “[Žižek afirmou que] os participantes não tinham mensagem para apresentar e se assemelhavam mais ao que Hegel chamou de ralé que um sujeito revolucionário emergente. O problema para ele não é a violência de rua como tal, mas a falta de autoafirmação, ‘raiva e desespero importantes mascarados como exibição de força; é a inveja mascarada como carnaval triunfante’” (Arditi, 2011). Agora, é claro, Žižek lança o apelo “ocupar primeiro, demandar depois” – animativos antes de performativos. Mesmo assim, como no México, o movimento *Occupy* tem tudo a ver com improvisação. Todos os tipos de atos instruem e divertem. Quanto mais engraçado e mais espalhafatoso, melhor. Muitas táticas associadas com movimentos de protesto na América Latina são agora comuns nos Estados Unidos. As estratégias viajam. Os manifestantes de *Occupy* emitiram um cheque gigantesco para a residência do prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, como um modo de tornar visível e literal a transferência de riqueza para os ricos sob o seu mandato. Na Argentina, atos como este nos quais manifestantes levam sua reclamação diretamente para a porta do “alvo” são chamados “escraches”. No Chile, eles são conhecidos como “funas”. A ocupação do espaço público com tendas, bibliotecas, locais para reuniões, centros de alimentação, de comunicação digital e muito mais, não só se assemelha ao *plantón* na Cidade do México, como se alastrou por todo o mundo. Figuras como *Anonymous* recusam a atração de lideranças claramente individualizadas, pois todos eles fazem parte dos 99%.

Estes gestos animados encenam (*enact*) uma política de presença maiciça e unificada. A resistência de *Occupy* em fazer uma demanda, em restringir sua força a uma ou mais de uma reivindicação específica, fala por si. Mas aqui, novamente, isso só funciona se outros se somarem. Eu diria que nosso papel (e, por nosso, quero dizer o meu, de Žižek, de Arditì e e de todos aqueles que escrevem sobre *Occupy*) não é tentar orientar, ou prescrever, mas antes de auxiliar, ou, como se diz em espanhol, *asistir* – em especial, *asistir*, um termo que, na língua espanhola, também significa estar presente. Isso significa legitimar o ato de ocupação se fazendo presente, física ou virtualmente, como destinatários que se dizem estar de acordo. Significa defender, ampliar, e assegurar que as injustiças por eles nomeadas não são apenas deles, isto é, de um grupo de marginalizados tal como a mídia muitas vezes os rotula, mas nossas também. Estamos, afinal, implicados nos 99%¹³. Mas a beleza dos 99% é que se trata de convocações para a solidariedade e para a identificação, não para o protagonismo individual das figuras famosas e reconhecíveis. Os Žižeks, e até mesmo as Jesusas, não tem como liderar esse tipo de movimento, que exige uma prática cotidiana e individual que extrapola o seu campo de ação. Como disseram os manifestantes mexicanos, democracia não é votar uma vez a cada seis anos, mas defender o voto. Um manifestante no *Occupy Wall Street* o disse de modo um pouco diferente (embora eu o tenha editado): Você não tem relações sexuais a cada quatro anos e chama isso de vida sexual. A política é um processo, um compromisso diário, uma forma de vislumbrar um futuro, um fazer (*doing*) e uma coisa feita (*thing done*) – o que, aliás, também é a definição de performance.

Tradução do inglês por José Eduardo Szwako

Revisão da tradução por John C. Dawsey

Notas

- ¹ O texto foi escrito após o início do movimento *Occupy Wall Street*, em 17 de setembro de 2011, e antes das eleições de 1º de julho de 2012 no México. *Occupy...* surgiu como movimento de protesto no Zucotti Park no distrito financeiro de Manhattan, na cidade de Nova York, e se alastrou por outras cidades nos Estados Unidos e em outros países. (N. E.)
- ² Como dito em nota anterior, o texto foi escrito antes das eleições de 1º de julho de 2012 no México. O Partido Revolucionário Institucional (PRI) manteve hegemonia no cenário político mexicano elegendo todos os presidentes do país de 1929 a 2000. Em 2 de julho de 2000, foi eleito como presidente Vicente Fox Quesada do Partido da Ação Nacional (PAN), colocando um fim a essa hegemonia. Em 2 de julho de 2006, em meio a acusações de fraude eleitoral, foi eleito Felipe Calderón, também do PAN. Andrés Manuel López Obrador (AMLO), candidato do Partido da Revolução Democrática (PRD), tido como favorito nas pesquisas de diversos institutos, perdeu por menos de 1% dos votos. Em 2012, o PRI voltou ao poder com a vitória eleitoral de Enrique Peña Nieto. (N. E.)
- ³ No México, Andrés Manuel López Obrador é conhecido dessa forma, como “AMLO”, com as letras em caixa alta.
- ⁴ Fundado em 5 de maio de 1989, o Partido da Revolução Democrática surgiu da fusão de vários partidos de esquerda, como o Partido Comunista Mexicano (PCM), o Partido Socialista Unificado do México (PSUM), o Partido Mexicano Socialista (PMS), e o Partido Mexicano dos Trabalhadores (PMT). (N. E.)
- ⁵ Ou seja, quando esse texto foi escrito, antes das eleições de 1º de julho de 2012.
- ⁶ Ao longo do texto, o neologismo “encorporada/o” procura apontar para o sentido do adjetivo *embodied*, assim como “encorporação” para o sentido do substantivo *embodiment*. (N. E.)
- ⁷ O termo *mestizo* é mantido em espanhol para sinalizar a especificidade de seu sentido no México, onde se refere apenas a pessoas que descendem de europeus e ameríndios. Trata-se de um conceito central para a formação de uma identidade mexicana. (N. E.)
- ⁸ Entrevista pessoal com Jesusa Rodríguez, Cidade do México, 2006.
- ⁹ O movimento *Tea Party* (às vezes traduzido como Partido do Chá) surgiu nos Estados Unidos em 2009. Fortemente identificado com a direita do espectro político do país, defende, entre outras coisas, uma política fiscal conservadora. (N. E.)

- ¹⁰ O termo *enact* é de difícil tradução. Ele evoca tanto o sentido de uma ação que faz acontecer (tal como “decretar” ou “promulgar”) quanto de uma atuação, ou desempenho de papel no teatro e na vida. (N. E.)
- ¹¹ Em inglês, “*they were put off by all the acting out*”. (N. E.)
- ¹² Como dito em nota anterior, este ensaio foi escrito antes das eleições de 2012, quando, de fato, o PRI retornou ao poder. (N. E.)
- ¹³ O slogan “*we are the 99%*” (“nós somos os 99%”), criado pelo movimento *Occupy Wall Street*, refere-se à crescente desigualdade na distribuição de renda nos Estados Unidos entre o 1% mais rico e o resto da população. (N. E.)

Referências bibliográficas

ARISTOTLE

1973 *Poetics*. Trans. ELSE, Gerald F. Ann Arbor, The University of Michigan Press

AUSTIN, J.L.

1975 *How To Do Things With Words*. Cambridge, Harvard University Press, 2 ed., 1975.

MARCUSE, Herbert

1969 *An Essay on Liberation*. Boston, Beacon Press, p. ix.

ŽIŽEK, Slavoj

2011 “Shoplifters of the World Unite,”. In ARDITI, Benjamin, London Review of Books “Insurgencies don’t have a plan - they are the plan. Vanishing mediators and viral politics,” delivered at “Política y performance en los bordes del neoliberalismo: tramas contemporáneas” roundtable, King Juan Carlos of Spain Center, New York University, September 20, 2011.

ABSTRACT: Three competing utterances, displays, and ceremonial acts in Mexico's contested election of 2006, illustrate the degree to which performance and/as politics comprise multiple, overlapping, and often contested cultural repertoires and legitimating practices. I will look at a few performance elements of these events—the staging, the power of political performatives and what I will call animatives, and the role of spectatorship—that characterized the scenario of democratic participation that has yet to come into being. How does make believe actually make belief and shape political realities?

KEYWORDS: Performatives, Animatives, Make believe, Make belief.

Recebido em maio de 2012. Aceito em setembro de 2012.